



## O SENSÍVEL NA CAMINHADA DO TORNAR-SE PROFESSORA EM APRENDER-ENSINAR-APRENDER EM ELOS FORMATIVOS

Vera Lúcia Chalegre de Freitas<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo deste texto é socializar diferentes formas de vivenciar o sensível quando da caminhada do tornar-se professora em na minha história de vida no aprender-ensinar-aprender. Apresento como abordagem teórico-metodológica a narrativas de formação, tendo como eco a abordagem jossoiana. A construção do me tornar professora foi se constituindo em minha história de vida à medida que percebi as inter-relações existentes entre aprender-ensinar-aprender, tendo-se por base os pressupostos freirianos que “ao ensinar se aprende”, bem como dos pressupostos bolívariano concernentes aos aspectos relevantes das experiências, como sentimentos, propósitos e desejos que devem ser resgatados e que infelizmente a pesquisa formal deixa de fora. Essa perspectiva me levou a pensar em elos formativos do sensível, sendo esses: amorosidade, diálogo e desenvolvimento de competências. Conclui-se que a busca do sensível de história de vida, desde criança até chegar à fase adulta; vivências na educação básica e educação superior, com alguns flashes de formação possibilitaram (re)conhecimentos na representação que tenho de mim perspectivada no sensível, mas essencialmente como (re)construção de si.

**Palavras-chave:** Pesquisa (auto)biográfica, Aprendizagem, Ensino, Narrativas, Formação.

### 1. INTRODUÇÃO

Este texto intenta mostrar como os atos de aprender e de ensinar se constituem como ato amoroso e de diálogo na formação de um professor, como abordado nos pressupostos freirianos, os quais nos dizem que “ao ensinar se aprende”.

Uso da narrativa de formação, pesquisa (auto)biográfica, para contar como a construção do ser professor foi ocorrendo ao longo de uma história, tendo início na compreensão de que o desejo de aprender pode reverberar em querer ensinar e que ao ensinar se aprende. Assim, o movimento de reflexão sobre a própria prática, me leva inevitavelmente a pensar sobre aprender-ensinar-aprender.

Recorri aos momentos de história de vida, desde criança, perpassando pela adolescência até chegar à fase adulta. Esses percursos assinalam a necessidade de estudar, de querer ser graduada e pós-graduada. Apresento também um ensino na educação básica e educação superior, com alguns flashes de formação, demonstrando como tenho assumido o caminhar do ensino como conhecimento e representação de mim na perspectiva de pensar diferentes formas do sensível que ocorre em nossa formação. Como bem expressa Josso (2007, p. 435):

---

<sup>1</sup> Pós-Doutora em Educação (UFPel). Doutora em Educação (UFRN). Bacharel em Ciências Biológicas (UFRPE). Profª Adjunta da Universidade de Pernambuco-UPE- *Campus* Garanhuns. Líder do Grupo Interdisciplinar de Representações Sociais e Formação em Educação e Meio Ambiente-GIRSFEMA. (UPE/CNPq). Email: [vera.chalegre@upe.br](mailto:vera.chalegre@upe.br)



“[...] é possível fazer emergir dimensões escondidas de si que redinamizam o projeto de si porque recompõem os recursos e a coerência pessoal. Podemos [...]projetar-nos, identificar-nos e introjectar aspectos daquilo que o sensível nos convida a ver, a sentir, a pensar, a fazer [...]”.

Do exposto, o presente texto tem por objetivo socializar diferentes formas de vivenciar o sensível quando da caminhada do tornar-se professora da minha história de vida no aprender-ensinar-aprender, consequentemente contribuir no entendimento de elos formativos.

## 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa assenta-se na perspectiva de narrativas. Para Bolívar (2002, p. 5), “*a narrativa se apresenta na qualidade estruturada da experiência, sendo essa entendida e vista como história, mas também como investigação, diretrizes e modos de construir sentido, a partir de ações pessoais temporárias, passando pela descrição e análise de dados biográficos*”. (grifo da autora).

No âmbito da pesquisa narrativa é importante levar em consideração a importância de resgatar nas memórias as lembranças que são, por certo, tecidas nas relações eu-outro(s), bem como das relações eu-ambiente que sou e que faço parte, das relações culturais que vivencio na vida cotidiana. Desse modo, “[...] os sujeitos refazerem suas histórias, nas suas lembranças, resistindo àquilo que os incomoda, acrescentando fatos oriundos do seu desejo de que tivesse sido diferente, como novas possibilidades para suas vivências”. (SOUZA; CABRAL, 2015, p. 150).

Conforme nos apresenta Bolívar (2002, p. 22), referindo-se a pesquisa narrativa. Essa, metodologia, “[...]nos permite representar um conjunto de dimensões da experiência que a pesquisa formal deixa de fora, sem ser capaz de dar conta de aspectos relevantes (sentimentos, propósitos, desejos, etc.)”. (grifo da autora).

Para Bolívar (2002, p. 22), “[...] As experiências precisam ser situadas e narradas em discurso dentro de um conjunto de regularidades e padrões explicáveis sócio-históricos, [...] a história de vida responde a uma realidade socialmente construída,[...] não se pode descuidar que é completamente única e singular” (grifo da autora).

Conforme Souza e Cabral (2015, p. 156), no campo da pesquisa de formação de professores, a narrativa se insere na vertente metodológica da “[...]investigação-formação, ao proporcionar aprendizagens, reflexão, revisitação ao passado, questionamentos sobre o presente numa visão prospectiva, [...]”.

Reconhecem os referidos autores, referindo-se a investigação formação, que aprendizagem e reflexão do passado e do presente e prospectiva do futuro “[...] permitem a esses, profissionais do ensino, a revisão de posturas e crenças que foram se estabelecendo no decorrer da formação e da prática docente”. (SOUZA; CABRAL, 2015, p. 156).

A narrativa da minha história de vida, tendo como eixo aprender-ensinar-aprender se pauta em desejos, sentimentos e propósitos de vida, especialmente pela motivação de desejo de querer aprender que se reverberou em desejo de ensinar. Esse ensino passou a ser propósito de vida com um sentimento de pertencimento a esse propósito de ser professora. Esse foi se constituindo na caminhada de percurso formativo, no qual descubro elos formativos.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Desejo de aprender em vida escolar que se reverbera em querer ensinar**

Contar minha história de vida de como fui me tornando professora ao longo da caminhada é revelar um percurso. Esse teve início, por um lado, por meio de um desejo de aprender as atividades que cotidianamente se almejam aprender com avós, os/as irmãos/irmãs, pais, mães, irmãos/irmãs, tios/tias, primos/primas, entre outras possibilidades. No meu caso, ocorreu com minha irmã Célia, a terceira do nosso núcleo familiar, Sebastião Lopes de Freitas e Terezinha Chalegre de Freitas, nossos amados pais.

Foi com a minha irmã Célia que tive os estímulos necessários às aprendizagens de vida escolar. Lembro-me de que solicitava a Célia atividades de matemática, no campo das aprendizagens de somar e subtrair, de modo que fossem desenvolvidas as atividades. Não me lembro se já tinha uns oito anos de idade e ela, possivelmente, na faixa de quatorze anos. Ao terminar aquela atividade, já pedia que novas contas fossem propostas. Isto até certo ponto exauria a minha irmã porque ela já verbalizava: já estou ficando cansada. Dia após dia, eu voltava a pedir essas tarefas.

Alguém deve perguntar: que relação existe entre o querer aprender e o querer ensinar? No meu entendimento, existe uma relação intrínseca, nem sempre notória. É preciso analisar com olhares atentos os movimentos de aprendizagens que se constituem em processos de formação na vida cotidiana, mas também na vida de estudante, na vida profissional, entre outras.

Em consonância com os pressupostos freirianos “ao ensinar se aprende e ao aprender se ensina”, em Freire (1993), podemos dizer que esse pressuposto é basilar para as minhas concepções de ensinar-aprender e aprender-ensinar. Ao longo da caminhada, sempre tive os olhares fixos no processo de formação da minha irmã e ela sempre estava a contar as leituras

que fazia e até me estimulava a ler. Também ao saber que ela ensinava às suas próprias colegas, nos seus cursos de magistério e de contabilidade, assuntos da matemática e também de português, deixava-me orgulhosa e, talvez no meu inconsciente, já desejasse ensinar como ela.

Não demorou muito para ela, ao terminar o curso de magistério bem como o de contabilidade, ser chamada para lecionar em uma turma de educação de jovens e adultos (EJA) no distrito de Socorro - PE. Nem sei, ao certo, se na época já existia o nome EJA. Ela precisou se ausentar por um dia. Nessa ocasião, fiz uma viagem para esse distrito para aplicar algumas atividades a esses jovens que eram, inclusive, com mais idade que a minha. Achei interessante o fato de que eles pareciam aceitar uma pessoa tão jovem ficar ali na condição da irmã da professora. Que dia tão significativo para minha história de vida. À noite, fui passear na pequena praça e feliz com aquele primeiro contato de ensinar-aprender, mesmo sendo do domínio extremamente tradicional.

Essa tomada de consciência da importância de (re)memorar fatos que ocorreram na infância, em ambiente familiar e diversos espaços sociais, tem sido aludida com muita pertinência quando se reflete sobre a formação em docência.

Destaco a pesquisa de Ferreira, Gaspal e Avanzi (2020) que:

[...] o narrador tomou consciência de sua formação enquanto professor ao recordar que a infância, as relações sociais intensas vividas tanto no espaço escolar quanto na família e igreja, o gosto pela escola e pelo ensino, o constituíram como docente. [...] consideramos que o trabalho com as narrativas foi um passo importante para se tornar sujeito da sua formação, pondo-se em uma dupla condição, de investigador e de investigado da sua própria trajetória. (FERREIRA; GASTAL; AVANZI, 2020, p. 199)

Essa condição de investigador e investigado perpassa a construção deste texto, como lido em cada momento vivenciado do processo formativo.

### 3.2 Da formação em Ciências Biológicas à formação em Educação: descobertas de elos formativos

Poderia dizer que dar continuidade aos estudos por meio de uma graduação fazia parte dos meus desejos de formação. No que trata da graduação, fiquei inicialmente voltada para quatro cursos: Farmácia, Ciências Biológicas, Fonoaudiologia, Nutrição. Embora a minha primeira opção no vestibular tenha sido pelo curso de Farmácia, reconheci que ter ficado na segunda opção para o Bacharelado em Ciências Biológicas, curso vivenciado na UFRPE, foi deleitante. As disciplinas de química no curso de Ciências Biológicas, vivenciadas no

laboratório, não me provocavam entusiasmo. Então percebi logo que o curso de Farmácia não teria sido adequado como formação acadêmica.

Decorre, nesse processo de formação, que ter ficado nessa área do conhecimento, Ciências Biológicas, especialmente quando passei a ter contato com as aulas de campo de Ecologia, nos anos iniciais da década de 80, foi de fato muito significativo. Inicialmente, fiz parte de um grupo de estudo com a Ecologia Geral e a Ecologia Humana. Depois, esse grupo passa a ser denominado de Instituto de Ecologia Humana – IEH, formado em 1990, tendo como presidente do IEH a professora Maria José de Araújo Lima, conhecida como a professora Zita. Foi com grande maestria que a professora Zita nos ensina a ser: professora, pesquisadora, e extensionista, embora a referida professora não mencionasse o nome de extensão. Isto porque tínhamos atividades com as comunidades que viviam assentadas nas proximidades de açudes públicos, a exemplo do açude de Soledade, em Soledade-Paraíba e o Açude Poço da Cruz, em Ibimirim-Pernambuco. Tanto as visitas a esses açudes e às comunidades vizinhas quanto conversar com agricultores, pescadores, pecuaristas e outras profissões nos davam acesso a essa triplicidade de formação (ensino, pesquisa e extensão). Essas aprendizagens ocorreram durante a graduação e também após graduada em Bacharelado em Ciências Biológicas, em 1983.

Um fato que me marcou profundamente para a área de ensino foi quando passei a cursar disciplinas de educação no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na UFRPE, mesmo cursando as disciplinas regulares em Bacharelado em Ciências Biológicas. Nesse curso, Licenciatura em Ciências Biológicas, fiquei encantada com as reflexões efetuadas pelos professores concernentes às disciplinas de práticas pedagógicas, de avaliação da aprendizagem, organização da educação e muitas outras. Ali estava presente a magnitude das obras de Paulo Freire, como *Pedagogia da Autonomia*, *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia das Mudanças*, entre outras (FREIRE, 1993; FREIRE, 1996; FREIRE, 2006). Também recorro de atividades reflexivas sobre a relação professor-aluno e entre alunos quando se pensa o ensino assim como as avaliações das aprendizagens.

Uma atividade nesse curso que me chamou bastante atenção foi “Quem sou eu!”. Essa atividade requeria que buscássemos alguns colegas que escrevessem sobre esse tema. Ali já existia, embora não denominado, a representação que cada um/uma tem de si mesmo/a. Campo fértil para pensar sobre história de vida. Na educação, estava presente o meu desejo de ser professora a ponto de pensar em concluir o curso de licenciatura.

Tive duas oportunidades de grande importância na minha formação em vida acadêmica na Pós-Graduação *Lato Sensu*. Uma delas foi a Especialização no IV Curso de Capacitação Pedagógica do Docente Universitário pela UFRPE (1990-1991). Os aprofundamentos teóricos



na área de educação já faziam um diferencial na formação. O outro curso foi Especialização em Estudos Avançados de Ecologia Humana, promovido pelo Instituto de Ecologia Humana, IEH, Brasil, em 1993. Nesse curso, vivenciado no semiárido de Pernambuco, tivemos oportunidades ímpares de relacionarmos a teoria e a prática tão necessárias à formação. Nunca imaginava que essas formações teriam um peso tão grande na minha história de vida.

O Mestrado em Biodiversidade ocorreu no período 1986-1990, pela UFRPE, cujo título da dissertação foi: *Massa de serapilheira em 11 matas na faixa úmida costeira de Pernambuco*. Tive como orientador o ilustre professor Doutor Everardo Sampaio. Essa dissertação me proporcionou múltiplos olhares de conhecimentos científicos no campo da pesquisa científica quantitativa e foi imprescindível no curso do doutorado quando do uso dos encaminhamentos metodológicos qualitativos e quantitativos.

O desejo de cursar e concluir uma graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas nunca poderia morrer. Nessa trilha prática, surgiram as possibilidades de participar do Programa de Formação em Educação-PROFOR pela UPE, 2004-2005, mesmo já sendo professora da UPE (desde 2002) e lecionando no Ensino Fundamental e Ensino Médio na Escola de Aplicação Professora Ivonita Alves Guerra, em Garanhuns-PE, em 2002.

Fui aprovada no doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, em 2004.2. O ser Doutora em Educação fazia parte do grande sonho. Inicialmente, fui pensando sobre o meu percurso formativo em Educação Ambiental, mas ao estudar as bases teóricas das representações sociais fui me direcionando para essa vertente de estudos. Agradeço a professora Doutora Maria do Rosário de Carvalho por todas as disciplinas cursadas durante o doutorado como ministrante das disciplinas e pela valiosa orientação no doutorado. A educação ambiental na minha história de vida passou a ser parte da formação, como prefácio e posfácio (retrospectiva e prospectiva de formação) na minha tese de doutorado, cujo título da tese foi: *Dimensões e Universo das Representações Sociais de Educação Ambiental por discentes em Garanhuns-PE*.

No prefácio da tese, relato a minha caminhada na educação ambiental que teve início na construção do programa de Educação Ambiental na UFRPE, década de 90, junto com a professora efetiva da referida disciplina, professora Maria José de Araújo Lima, conhecida como Zita. Durante as vivências, lecionando a disciplina de Educação Ambiental, especialmente das histórias que os estudantes falavam sobre educação ambiental, especialmente dos projetos construídos pelos discentes na disciplina de Educação Ambiental como professora de tempo temporário, narro também como esse objeto de estudo foi motivador para querer estudar educação ambiental.

No posfácio da tese, as histórias se voltam para contar a importância do desenvolvimento da tese como possibilidades de aplicar os caminhos teórico-metodológicos na formação do estudante, por meio da abordagem teórico-metodológica da pesquisa associativa, tendo-se o uso da técnica de associação livre de palavras. Nessa perspectiva, eu me apercebia de como os conhecimentos socialmente compartilhados na sociedade são de extrema relevância no processo formativo. Perspectiva essa que se coaduna com os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, especialmente quando trata dos temas transversais (BRASIL, 1998).

Importante destacar a importância dos ateliês de formação, desenvolvido pela professora Doutora Maria da Conceição Passeggi, minha co-orientadora, durante o período do curso de doutorado, na construção do texto prefácio e posfácio. As reflexões sobre as narrativas de formação de história de vida foram propulsores para reconhecer a importância de cada momento de formação e inclusive ressignificar a formação na construção de si.

O pós-doutoral vivenciado pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel, 2016-2017, foi singular no sentido de pensarmos a experiência na epistemologia de Josso, Larrosa e Delory-Momberger (FREITAS; ABRAHÃO, 2017). Para além das publicações vivenciadas durante esse período pós-doutoral as aprendizagens com a minha supervisora Professora Doutora Maria Helena Menna Barreto Abrahão foram um marco de grande relevância na minha formação, tanto do ponto de vista do teórico-metodológico da pesquisa (auto)biográfica tanto quanto da dimensão do sensível, especialmente por pensarmos que as experiências contadas e refletidas no mundo da academia contribuem com a experiência socioeducativa tendo eco no dialógico-formador.

### 3.3 Do ensino na educação básica ao ensino na educação superior: olhares para elos formativos

Ensinar na educação básica, Ensino Fundamental-II, e Ensino Médio, na Escola Joaquim Xavier de Brito, de agosto/1993 até abril/2002, foi muito enriquecedor porque nesse percurso estava se constituindo uma professora que ensinava as Ciências Naturais (Ensino Fundamental) e a Biologia (Ensino Médio).

Ao ser aprovada e nomeada, em maio de 2002, para ensinar na UPE-Campus Garanhuns, as minhas disciplinas estavam voltadas para Morfologia Vegetal, Fisiologia Vegetal, Botânica, Ecologia, e Educação Ambiental.

Importante destacar que em se tratando de ensinar na Universidade, minhas primeiras aprendizagens com o ensino ocorreram na UFRPE, após ter terminado em 1983 o curso de Bacharelado em Ciências Biológicas. Fui professora substituta na disciplina de Ecologia

Vegetal e Fitogeografia, durante dois períodos. Também lecionei a disciplina de Educação Ambiental, com contratos temporários, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela UFRPE, bem como de Ecologia no curso de Engenharia de Pesca.

A Educação Ambiental foi um grande “momento-charneira” na expressão jossioiana. Isto por poder me aproximar da formação em educação e da ecologia na abordagem da Ecologia Humana, do pensar o meio ambiente como sobrevivência humana e de todas as espécies. Entender que o mundo precisa desenvolver uma ética de respeito, responsabilidade social e valorização da vida. Também fui professora substituta, em tempos curtos na UPE-Nazaré da Mata, na disciplina da Fisiologia Vegetal na década de 90.

Construir o programa da disciplina educação ambiental na UFRPE junto com a professora titular da referida disciplina, minha mentora professora Zita, década de 90, foi de acentuada importância porque esse momento significava meu amadurecimento como profissional.

Ao ser concursada e nomeada na UPE, em 2002, para lecionar as disciplinas da botânica e ter a oportunidade de lecionar Educação Ambiental constituíram-se, pois, um grande momento de formação porque ali estavam expressas as possibilidades de voltar a vivenciar a educação ambiental e, dessa vez, com mais maturidade.

Ser doutora em Educação me permitiu lecionar na Universidade de Pernambuco-UPE-Campus Garanhuns, disciplinas da área de educação, como: Avaliação da Aprendizagem, Estágio Supervisionado Obrigatório-III (ESO-III), Estágio Supervisionado Obrigatório-IV (ESO-IV), Prática Pedagógica-I, Prática VI, Prática-VII, Prática-VIII, Metodologia do Ensino de Biologia, Seminário de Pesquisa I e lecionarei uma turma extra de Seminário de Pesquisa II, em 2023.1º. Algumas dessas disciplinas ocorreram em período ímpar e outras em período par, após alguns anos do término do doutorado em Educação.

Esses momentos de vivenciar disciplinas pedagógicas no campo da educação têm sido fascinantes porque me (re)invento a cada momento que entro em sala de aula e na preparação de estudos para a ministração das aulas.

A Avaliação da Aprendizagem me possibilitou compreender o quanto a avaliação precisa ser um ato amoroso, compreensível, sistematizado, inovador, dialógico sobre histórias vivenciadas ao longo da formação dos estudantes, mas também do/da educador/a. Assim, a referida disciplina, Avaliação da Aprendizagem, contribui com a formação da própria disciplina e de todas as outras disciplinas por requerer seu processo avaliativo. Essa interlocução é um grande marco no processo de construção de conhecimento. A condução da avaliação da



aprendizagem tem como principal referência o pensamento luckesiano quanto as reflexões de avaliação como componente pedagógico. (LUCKESI, 2011).

Esses percursos formativos me deram subsídios para que eu fosse me tornando professora e passando a entender que ensinar e também aprender precisam ocorrer de modo amoroso e como via de mão dupla.

Para Josso (2007, p. 434), em sua tese de doutorado, existe uma ideia subjacente nas narrativas de história de vida como ficção, mas que se baseia em fatos reais, como lido: “[...] a narração da vida é uma ficção, [...] baseada em fatos reais, [...]essa narração ficcional que permitirá, se a pessoa for capaz de correr tal risco, a invenção de um si autêntico. [...] a invenção de si necessita, não somente de um discurso sobre si, mas de projetos de si”.

Conforme anuncia Josso (2007):

[...] a história de formação só é possível como processo de conhecimento de um sujeito que postula e, [...] imagina poder vir a ser esse sujeito plenamente. [...] é preciso poder imaginar ser – e tornar-se efetivamente –, tanto único porque singular como reconhecível porque socialmente identificável. (JOSSO, 2007, p. 434).

A dimensão da singularidade do ser e a dimensão do universal compreendido no homem em tempos e espaços nas dimensões da vida e de nós mesmos são lidas em Medeiros e Leandro (2013, p. 53): “As histórias de vida permitem explicitar em sua totalidade, a singularidade do ser e com ela perceber o universal que se encontra e constitui o homem, articulando espaços, tempos e diferentes dimensões da vida e de nós mesmos”.

Ferreira, Gastal e Avanzi (2020), referindo-se aos estudos (auto)biográficos e da existência do sujeito que produz sua narrativa, concluem em sua pesquisa “Em busca de vestígios e sinais de um professor em formação experiencial: O que revelam suas narrativas autobiográficas?” que:

[...] a) os estudos (auto)biográficos podem favorecer a reflexão do professor, de modo que se volte sobre sua própria história de vida e possa tornar-se sujeito de sua formação; b) pela escrita das narrativas, o sujeito ganha existência, sintoniza-se com a sua história, atualizando-a, revisitando imagens de um tempo vivido consigo mesmo, com outras pessoas e em diferentes contextos. (FERREIRA; GASTAL; AVANZI, 2020, p.183)

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando que este objetivou mostrar como o aprender e ensinar foram se constituindo na minha história de vida, em caminhadas de elos formativos do tornar-se professora, teve como opção teórica metodológica a narrativa de formação, investigação-formação, pesquisa (auto)biográfica.

Ao narrar minha história de formação fui me dando conta de que foi querendo aprender que o ensino foi fazendo parte de minhas aprendizagens. Essas aprendizagens vêm desde a infância, querendo ser aluna, mas também querendo ser professora. Recorro aos sujeitos da formação, professoras/educadoras, que contribuíram com esse percurso formativo. Entendo, nesse viés, que as lembranças desde minha infância à fase adulta que o triplo aprender-ensinar-aprender fazem parte da minha história de vida. Olhando na perspectiva de elos formativos descubro que a amorosidade, bem como o diálogo fizeram e fazem parte do aprender-ensinar-aprender e que são mobilizadores no desenvolvimento de competências na formação dos professores/as, educadores/as.

Atento aos pressupostos da formação, escolho a obra freiriana para demonstrar que à medida que “se ensina se aprende”. Faço opção pela abordagem teórica jossioiana quanto a importância da história de vida pensada como possibilidades de transformação de si, bem como experiência de vida e formação. Comungo com o pensamento Bolivariano quanto a necessidade de levar em consideração aspectos relevantes das experiências, como sentimentos, propósitos e desejos que devem ser resgatados e que a pesquisa formal deixa de fora.

Espero que este texto suscite na vida dos/as professores/as, educadores/as o desejo de narrar suas histórias de vida e formação, encontrando elos formativos que dão sentido ao vivido. E que, no campo da educação básica e educação superior, se vislumbre propostas socioeducativas do narrar vivências e experiências formadoras, sendo essas vivências/experiências na caminhada do torna-se professor/a em aprender-ensinar-aprender em elos formativos do campo sensível.

## REFERÊNCIAS

BOLÍVAR, A. “De nobis ipsis silemus?” Epistemologia de La investigación biográfico narrativa em educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1, p 1-26, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/redie/v4n1/v4n1a3.pdf>.

BRASIL. Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. Apresentação dos temas transversais. In: **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos**. Brasília. 1998. 436p.

FERREIRA, G. L.; GASTAL, M.L.A.; AVANZI, M.R. Em busca de vestígios e sinais de um professor em formação experiencial: O que revelam suas narrativas autobiográficas? **Olhares & Trilhas** | Uberlândia |vol.22, n. 2 | maio/agosto/2020, p.183-202.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 22 ed. São Paulo: paz e terra. 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 24 ed. São Paulo: paz e terra. 1996.

FREIRE, P. **Educação e Mudança.** 29 ed. São Paulo: paz e terra. 2006.

FREITAS, V. L. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. Experiência e construção de si: contribuições da pesquisa (auto)biográfica para a formação de professores. **Cadernos de Educação**, n.57. jul./dez. 2017, p. 45-58.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação.** São Paulo: Cortez. 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico.** São Paulo: Cortez, 2011.

MEDEIROS, E.A.; LEANDRO, A. L. A. L. Histórias de vida e formação: trajetórias, experiências e reconstruções do ser no seu saber-fazer. **QUIPUS. Revista científica de escolas de Comunicação e artes e educação.** Universidade Potiguar. 2013.

SOUZA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149/102>. Acesso em: 04 out.2023.